

Por uma Outra Universidade Entrevista com José Jorge de Carvalho

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57931>

Realizada por Flávia Salgado¹, Daniel Bitter² e Wagner Chaves³

No contexto da produção e pesquisa do primeiro Mapa de Mestres e Mestras dos Saberes Populares realizado pelo INCTI/UnB/CNPq - o Instituto Nacional de Ciência, Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior que entrevistamos o professor José Jorge de Carvalho, coordenador do Instituto e das suas duas frentes de atuação: o Observatório de Cotas e o Encontro de Saberes.

Por Otra Universidad - Entrevista a José Jorge de Carvalho

En el contexto de la elaboración e investigación del primer Mapa de Maestrías de Saber Popular realizado por el INCTI/UnB/CNPq - Instituto Nacional de Ciencia, Tecnología e Inclusión en la Educación Superior, que entrevistamos al profesor José Jorge de Carvalho, coordinador del Instituto y de sus dos frentes: el Observatorio de Cuotas y el Encuentro de Saber.

For Another University - José Jorge de Carvalho Interview

In the context of the production and research of the first Map of Masters of Popular Knowledge carried out by INCTI/UnB/CNPq - the National Institute of Science, Technology and Inclusion in Higher Education that we interviewed Professor José Jorge de Carvalho, coordinator of the Institute and its two fronts: the Quota Observatory and the Knowledge Meeting.

¹ Flávia Salgado. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Brasil. E-mail: flavia.salazar.salgado@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5065-9864>

² Daniel Bitter. Doutor em Antropologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ). Professor Associado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense - UFF e do Programa de Pós-graduação em Cultura em Territorialidade PPCULT-UFF, Brasil. E-mail: danielbitter@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-2080-9926>

³ Wagner Chaves. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ), Brasil. E-mail: wagnerchaves03@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-0479-4445>

Recebido em 28/07/2023, aceito para publicação em 31/07/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

Por uma Outra Universidade Entrevista com José Jorge de Carvalho

Coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior - INCTI/UnB/CNPq, José Jorge de Carvalho nos concedeu essa entrevista em 2014 - dois anos depois de promulgada a Lei 12.711 de 2012 - que estabelece cotas sociais para alunos das escolas públicas nas universidades federais - e que reconhecia a luta iniciada pelo professor, acompanhado por Rita Segato⁴, que já resultara, em 2003, na adoção por parte da UnB de cotas raciais para estudantes negros e negras. Naquela ocasião, interessava-nos mapear, a partir da trajetória daquele que tem estado na vanguarda desse movimento, a evolução do pensamento que levaria à proposição das “cotas epistêmicas” - cotas para a entrada de saberes de outras matrizes de conhecimento na universidade - reivindicadas pelas diferentes experiências do Encontro de Saberes.

Em 2015 finalizamos essa entrevista quando o Encontro de Saberes havia se expandido para mais cinco universidades. Ela reflete apenas a experiência inicial na UnB. Atualmente, o Encontro de Saberes acontece em 18 universidades brasileiras. Testemunha de um espírito da nossa época, o professor de estudos afro-brasileiros do departamento de Antropologia da UnB, revela na sua trajetória o nascimento de um pensamento brasileiro que é filho da proposta dialógica freiriana, do projeto de uma universidade nacional e politizada de Darcy Ribeiro, do convívio profundo com folcloristas latino-americanos e de uma imersão etnográfica no mundo do Xangô pernambucano.

Entre tantas experiências que sua longa e intensa vida de pesquisador guarda, estão também anos de pesquisas de campo e registros etnográficos que seguiram o rastro de Mário de Andrade no Nordeste brasileiro, mas também passaram pela Venezuela, Trinidad e Tobago e o Suriname.

⁴Vide documento que inicia a luta dos dois professores pela adoção de cotas na UnB: SEGATO, R.; CARVALHO, J. J. de. Uma Proposta de Cotas e Ouvidoria para a Universidade de Brasília. Preparada para a sessão do C.E.P.E. de 8 de março de 2002, assim como dos mesmos autores, o Plano de Metas para Integração Social, Étnica e Racial da Universidade de Brasília (<https://noticias.unb.br/images/Noticias/2018/06-Jun/Plano-de-Metas-Cotas-UnB1.pdf> - acessado em 06/05/2023)

A convivência com John Blacking, seu orientador, em Belfast, seria decisiva para sua percepção do “racismo acadêmico” brasileiro e do seu envolvimento direto com o processo que resultaria na implantação das cotas para negros e indígenas nas nossas universidades.

Muito bem acompanhado por Eduardo Viveiros de Castro – UFRJ, Ilse Scherer-Warren – UFSC, Kabengele Munanga - USP que constituíram o esforço de fundação do INCT de Inclusão e tanta/os outra/os professoras/ES de mais de dez universidades federais e latino-americanas que foram se somando às experiências de uma universidade aberta aos corpos e aos saberes populares, José Jorge de Carvalho traz, nesta conversa, reflexões que seguem iluminando as práticas para uma outra universidade brasileira.

Para edição digital dessa entrevista, convidamos a todos a acessar os links que remetem a algumas das experiências já vividas pelo Encontro de Saberes.

O Espírito do Tempo

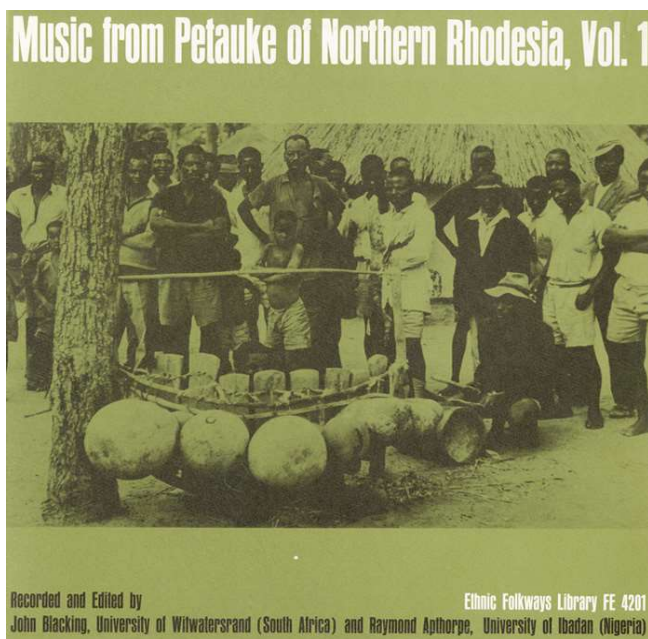
Em que medida sua vivência em Belfast com John Blacking⁵ e o estudo que fez naquela ocasião sobre o Xangô do Recife, colaboraram para o seu trabalho atual, no âmbito do INCTI por um novo paradigma de Universidade?

Naquele momento ainda era muito difuso, mas imagine: eu saí do Brasil para atravessar o Atlântico para uma universidade distante, na Irlanda do Norte, em plena guerra entre católicos e protestantes. Não era o lugar em que as pessoas normalmente iam estudar, como os Estados Unidos, a Inglaterra ou a Alemanha... John Blacking foi o motivo da minha escolha. Ele era a única figura do Departamento de Antropologia de Queen's (e talvez de toda a universidade) que motivava os

⁵ “John Blacking (1928-1990) integra o grupo de autores de referência na etnomusicologia, e seu livro *How musical is man?* (traduzido para o francês, grego, italiano e japonês) está entre os mais citados nesse campo de estudos, que ele identificou, diversas vezes, como antropologia da música (...) John Blacking não apenas estabeleceu na Queen's University of Belfast (Irlanda do Norte) um centro de formação em etnomusicologia, que atraiu pesquisadores de todo o mundo como, também, participou de modo incisivo e original dos destinos da disciplina na segunda metade do século XX.” (TRAVASSOS, Elizabeth. John Blacking ou uma Humanidade Sonora e Saudavelmente Organizada. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 16, p. 1-304, 2007).

estudantes a atravessar o Atlântico ou virem da Nova Zelândia, da Austrália, da China, de diferentes países da África ou da Europa.

O que me levou a procurá-lo foi seu trabalho de referência com a Etnomusicologia. Porém, passei a observar igualmente a sua militância na luta antiapartheid na África



Capa do LP Music from Petauke of Northern Rhodesia, Vol. 1.
Fonte: <https://folkways.si.edu/music-from-petauke-of-northern-rhodesia-vol-1/world/album/smithsonian> (acessado em 27/08/2023).

do Sul de onde tinha sido banido como catedrático de Antropologia da Universidade de Witwatersrand⁶, Johannesburgo.

Ali, como diretor de Departamento, ele fomentava atividades e o debate contra a segregação no campus e acabou sendo banido, num episódio dramático. Envolvido com uma aluna indiana, chamada *coloured* no contexto do apartheid, John Blacking foi forçado a optar: a sua permanência no cargo ou aquele relacionamento e o banimento do país. Decidiu-se pela separação de sua primeira mulher e de seus dois filhos e

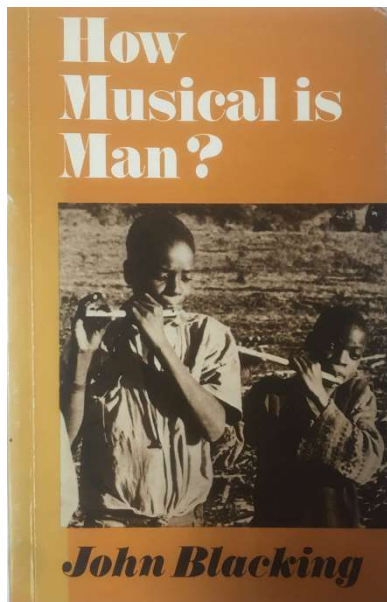
deixou o país com Zureena Desai. Quando o visitávamos, nos encontrávamos também com Zureena e as duas filhas do casal.

Muitos alunos negros iam, para Belfast, estudar com ele. Vitor Ralushai, um *Venda* que o ajudou a traduzir as canções das suas pesquisas de campo⁷ foi um dos seus

⁶University of the Witwatersrand, em Johannesburgo, é a terceira mais antiga Universidade sul africana e palco importante da luta *antiapartheid*. Nos anos 40, Nelson Mandela esteve entre seus estudantes de Direito.

⁷*Venda children's songs* é um extenso trabalho de análise de 56 canções infantis, realizado após 22 meses entre os *vendas*, que se destacou por representar a "curiosidade por um tema que não estava entre os mais típicos da antropologia africanista (e.g. linhagens, sistemas políticos, rituais, feitiçaria). Bruno Nettl (1995, p. vii) observa que a influência e respeitabilidade de John Blacking na etnomusicologia não se devem à formalização de um método – à maneira do que fez Alan Merriam, outra referência importante nos campos da etnomusicologia e antropologia da música. Contudo, *Venda children's songs* contém um programa de pesquisa que seu autor chamou de análise cultural da música." (TRAVASSOS, Elizabeth, 2007, p.192-193)

alunos de doutorado que, antes de voltar para a África do Sul, foi dar aulas no Quênia. Lembro-me de como estava preocupado com seu pouco conhecimento do swahili...



Fiquei cinco anos estudando e convivendo com aquela realidade, percebendo o que era a África do Sul nos anos 70 e 80, antes da queda do Apartheid, quando Mandela ainda estava na cadeia. Steve Biko havia sido assassinado menos de um mês antes de minha chegada a Queen's e o clima do Departamento estava ainda marcado por essa morte.

Tudo isso reverberava na minha cabeça... A ideia de que John Blacking transitava entre mundos racializados, de uma forma sem paralelo nenhum com o que acontecia nas universidades brasileiras. Não havia nada sequer parecido porque não haviam negros nas nossas universidades! Nem alunos, nem professores, nem debate, nem nada - enquanto na África do Sul tinha um conflito aberto sobre a questão do racismo dentro da universidade, o que estava presente, agora em Belfast, na figura do Blacking e dos estudantes que vinham da África, a todo momento. Obviamente, o movimento negro brasileiro questionava o tempo todo, porém contando com poucos negros no interior do espaço acadêmico. Nosso racismo acadêmico é tão absurdo que Abdias do Nascimento foi professor em várias universidades estadunidenses e africanas, mas não foi professor nas universidades brasileiras!

Ao contrário, a experiência, com a pesquisa sobre o Xangô no Recife, foi bastante difícil⁸. Não é o mesmo que estudar o candomblé, na Bahia. Eu não tinha nenhuma relação com aquelas instituições todas gilbertofreirianas. Ainda vai levar muito tempo para a gente avaliar o dano que fez uma figura como Gilberto Freyre.

⁸Sobre esse período, José Jorge de Carvalho dirá em entrevista de 2011: "No período da tese de doutorado passei mais de um ano em uma casa de santo, no Xangô do Recife. Estive sempre em contato com rituais, mas não tenho iniciação. Tenho relação de proximidade com os orixás Xangô e Oxum, que são meus orixás, e também Oxalá e com aspectos da Jurema." (ROCHA, S.P., FLORES, E.C. et alii – Africanidades, Cotas e Questões Raciais in *SAECULUM – Revista de História* 25, João Pessoa, jul/dez 2011, p. 255). Esse estudo deu origem ao livro *Cantos Sagrados do Xangô do Recife*, 1993.



Oluyemi Olaniyan e José Jorge de Carvalho, em 1981, na Universidade de Queen's, em Belfast, traduzindo os textos em iorubá. Fonte: CARVALHO, José Jorge. Cantos Sagrados do Xangô do Recife, 1994.

Um homem poderosíssimo que fez um estrago na consciência nacional com o seu poder de escrita. A Universidade Federal de Pernambuco era dominada pelo pensamento da “democracia racial” - um pensamento racista – assim como a Fundação Joaquim Nabuco - que foi fundada por ele.

Minha pesquisa no Xangô tinha a primeira parte

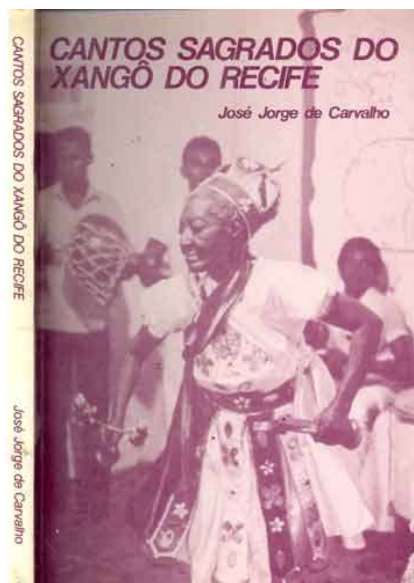
relacionada com a FUNDAJ que naquele momento se chamava Instituto Joaquim Nabuco e tinha um clima insuportável. O diretor, o próprio Freyre, alinhado com a ditadura, foi a primeira pessoa que

no dia 2 de abril de 1964 escreveu um artigo nos jornais apoiando o golpe militar e, depois, foi presidente do Conselho Federal de Educação. Era uma pessoa completamente alinhada com o regime militar, dedurando professores de esquerda...

O Xangô era um mundo à parte em relação àquela intelectualidade da UFPE e da Fundação Joaquim Nabuco; um clima “desencaixado”, completamente diferente da experiência que vivia em Belfast.

Fiquei completamente imerso no Xangô e não tinha nenhum acesso à classe média ou ao mundo da universidade, onde fui literalmente perseguido, naquele contexto da ditadura. Recife era um lugar cercado, de um lado pelo clima da ditadura, de outro, por aquele racismo em torno da figura de Gilberto Freyre⁹.

⁹O pensamento social brasileiro é para José Jorge de Carvalho fortemente marcado pela influência de Gilberto Freyre e sua teoria da mestiçagem. Do mesmo modo, outros países latino-americanos evocam a sua teoria, reproduzindo seu nacionalismo racista ou seu “racismo cordial”. Este foi o caso de Cuba, Colômbia, Venezuela, México, Porto Rico, República Dominicana, entre outros. Sobre esse “racismo cordial”, José Jorge de Carvalho dirá ainda: “O centro dessa discussão é que, aqui, há um confronto simultâneo de opressão e de racismo, com ideologia de cordialidade interracial: o racista, além de oprimir e discriminar racialmente, nega todo tempo que é o discriminador, algo muito parecido com a esquizofrenia, 'estou te acolhendo, mas não quero você perto de mim!', são essas as injunções que caracterizam o discurso do esquizofrênico no nosso caso, de um tipo de racismo que parece esquizofrênico. Um exemplo maior é o trabalho monumental (no mau sentido do termo) de Gilberto Freyre, ele que lutou contra a Frente Negra Brasileira (1931-1937) [considerada a mais importante entidade política de afrodescendentes na primeira metade do século XX] e ao mesmo tempo dizia que a cultura negra é valiosa para o Brasil.” in: ROCHA, S.P., FLORES, E.C. et alii –



Assim que, para concluir, de um lado, vivia uma grande admiração pelo significado de John Blacking e o preço que pagou por sua luta contra o racismo¹⁰ na África do Sul. De outro lado, em meu trabalho de campo no Recife, vivia a barreira entre o mundo intelectual e universitário brasileiro e a realidade do Xangô.

Como foi essa experiência direta com o Xangô e o pensamento negro?

Com o Xangô, pela primeira vez, tive uma vinculação afetiva e concreta com pessoas negras no Brasil, o que eu nunca tinha tido antes. Isso porque também estudei numa universidade branca, a UnB, que só tinha estudantes brancos como qualquer outra universidade brasileira nos anos 60, 70, 80, 90... Lembro-me apenas de uma colega negra na Música, uma da Medicina e outro nas Artes.

A experiência que tive na Venezuela¹¹, um país bem menos racista do que o

Africanidades, Cotas e Questões Raciais in *SAECULUM – Revista de História* 25, João Pessoa, jul/dez 2011, p. 250.

¹⁰Em entrevista de 2010, José Jorge de Carvalho compararia o trauma vivido por John Blacking ao que viveria anos mais tarde: “Quando iniciei minha carreira docente na UnB, procurava espelhar-me apenas nos ensinamentos antropológicos e etnomusicólogos de John, e nunca em seus conflitos vividos pelo engajamento na luta anti-racista. Somente anos depois, após sofrer as consequências do conflito do famoso “Caso Ari” quando me envolvi contra a maioria dos colegas em defesa do nosso primeiro aluno negro do Doutorado de Antropologia da UnB, pude refletir um dia, perplexo, sobre uma identificação concreta, não programada, mas possível, com a trajetória política do meu mestre (...).” (LIMA, A. e JAIME, P. - Entrevista com Prof. José Jorge de Carvalho in: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.19, p. 210).

¹¹É no Instituto Interamericano de Etnomusicología y Folklore (INIDEF) de Caracas que José Jorge de Carvalho é introduzido ao estudo das culturas afro-americanas, em um curso com Miguel Acosta Saignes. No ano seguinte, engaja-se como pesquisador do Instituto de Antropologia e História (IAH) da Universidade Central da Venezuela, onde, em suas palavras, teve “o privilégio” do contato com o antropólogo paraguaio Bartolomé Meliá que dava início ao que seria, mais tarde, configurado como a perspectiva descolonizadora (LIMA, A. e JAIME, P. - Entrevista com Prof. José Jorge de Carvalho in:

Brasil também foi importante, mas foi com o Xangô do Recife que tive intimidade pessoal com o mundo negro e com pessoas negras. Pessoas com quem tenho relações afetivas até hoje. Foi uma experiência fundamental, ainda que não se tratasse, naquele momento, da questão de romper com o *apartheid* brasileiro nas universidades.

Seus estudos em Belfast foram contemporâneos ao nascimento dos Estudos Culturais em Birmingham que, em suas palavras foi uma “pequena revolução intelectual, política e ideológica do espaço acadêmico britânico e ocidental”¹². Essa proximidade espaço-temporal o influenciou de algum modo?

Colaboraram muito, porque a minha formação não foi em Ciências Sociais. Hoje sou professor das chamadas Ciências Sociais, na Antropologia, mas entrei na universidade para estudar Física, depois de ter estudado na Escola Técnica de Mineralogia e Geologia de Ouro Preto. Na universidade, transferi meu curso para Música e, desde os 19, 20 anos, meu interesse pelo budismo, pelo taoísmo e o hinduísmo foi constante.

Em Belfast, também vivi esse “desencaixe”, estudando Música e Antropologia no departamento de Antropologia Social da Faculdade de Artes. Já havia ali uma interdisciplinaridade. Além disso, John Blacking também tinha interesse pelo mundo oriental, tinha morado na China e eu me identificava com a sua biblioteca, onde eu via todos os clássicos do pensamento africano e todos os clássicos do pensamento oriental. Então, esses também foram anos de muita leitura sobre o budismo, por exemplo¹³.

Não me encaixava na Antropologia Social britânica, como ainda não me

Cadernos de Campo, São Paulo, n.19, p.208).

¹²CARVALHO, José Jorge – Los Estudios Culturales como una Innovación en las Humanidades y las Ciencias Sociales de América Latina, in: *Alter/nativas*, 3, 2014.

¹³Sobre suas leituras, José Jorge de Carvalho dirá que: “É importante para mim mencionar os nomes dos textos e mestres orientais porque eu me construí intelectualmente mantendo um diálogo constante (ou essa gnose, talvez) com o Oriente, ainda que nem sempre tenha encontrado vazão para falar disso na academia. Em síntese Marx, Lévi-Strauss, John Blacking, de um lado; Nagarjuna, Rumi, Dogen de outro; este é o antropólogo que sou.” (LIMA, A. e JAIME, P. , 2010, p.209). Sobre Rumi, ver: CARVALHO, José Jorge. *Rumi- Poemas Místicos*. Tradução e introdução de José Jorge de Carvalho. São Paulo: Attar Editorial, 1996.

encaixo nos Programas daqui todos PPGAS. Fico me perguntando por que não Antropologia simplesmente? É como se apenas as questões sociais e de parentesco fossem mais válidas ou determinantes, enquanto a arte ou a religião, a mitologia ou o simbolismo, tivessem menos importância. Por isso, os Estudos Culturais e, também, a Sociologia Britânica, mais politizada e marxista, interessavam-me muito.

Tinha um amigo que sempre ia a Birmingham e trazia uns panfletos publicados por lá. Eram os primeiros *working papers*, espécies de cadernos de trabalho datilografados, sobre temas e abordagens que eu achava fascinantes. Tinham estudos dos movimentos urbanos - dos *teddys* (aqueles que andam de terninho), dos *mods* (os moderninhos de cabelo todo ajeitadinho), dos *punks*... (o que fazia muito sentido para mim que vivia o auge da cultura punk¹⁴, em Belfast). Os Estudos Culturais tinham esse *feeling*, essa relação com a cultura punk e com os novos movimentos, com as manifestações da juventude fora do esquema, desenquadrada.

Um texto que me fascinava particularmente era o *The Meaning of the Loch Ness Monster*. Aquela história de um lago na Escócia, onde supostamente vive uma família de monstros, há milhares de anos. Um ensaio que trazia um campo interdisciplinar e os diversos discursos ao redor do monstro: questões políticas, a identidade escocesa, as fantasias e paranóias urbanas da sociedade industrial moderna, o inconsciente de tipo junguiano de uma animalidade primordial e que aflora apenas fugazmente.

Nada disso seria possível ou capturado na sua integralidade por disciplinas como a Antropologia, a Sociologia, a História ou a Ciência Política. Os Estudos Culturais trouxeram a interdisciplinaridade.

¹⁴Sobre o ambiente de Belfast, José Jorge de Carvalho ainda dirá, nesta entrevista: "Alguns dos meus colegas eram punks de verdade, não de boutique, eram os 'quebra-paus'. Era 1977-78, os jovens pegavam o resto de uma coleira de cachorro na rua e a vestiam... Belfast era aquela cidade industrial arruinada, como Liverpool, como Birmingham: uma parte era a briga entre católicos e protestantes e outra parte era a juventude punk."

A “interdisciplinaridade”, não a transdisciplinaridade?

Uma interdisciplinaridade, ainda. No tema do monstro, por exemplo, identificamos leituras sociológicas, históricas, literárias, geográficas... as disciplinas ainda estão bem demarcadas. Na transdisciplinaridade, perde-se o rastro das disciplinas que se misturaram para chegar naquele tema.

De toda forma era um passo adiante. Se o Departamento de Antropologia em Queen’s era bidisciplinar, misturando a Antropologia e a Música, os Estudos Culturais eram *multi e interdisciplinares*, o que amplia muito e de forma irreversível o quadro. Isso porque, como Einstein falava: “A mente que se abre a uma nova ideia, jamais voltará ao seu tamanho original”. Depois que você experimentou uma visão de mundo interdisciplinar, não é mais possível se encaixar numa perspectiva disciplinar, fica difícil, você fica sufocado.

A Universidade Excludente

A Universidade de Brasília¹⁵, na sua origem, continha o gérmen desse novo olhar para a ciência e para a cultura. O Encontro de Saberes foi, de alguma forma, inspirado por essa ideia de universidade?

Minha experiência na UnB é, talvez, a dos últimos anos de liberdade completa de cursar matérias. Por exemplo, pude passar da Física para a Música, o que hoje não seria mais possível. Entrei para Física, tinha um amigo muito querido que era professor da Geologia, fiz Geologia I e II. Na Comunicação, participei do primeiro curso universitário sobre História em Quadrinhos que foi, inclusive, citado por Humberto Eco pelo ineditismo. Depois, participei de um Seminário de Lógica Simbólica com um grande matemático, o Fausto Alvim Júnior, com quem fiz uma espécie de curso universitário paralelo, completo e exclusivo, em uma interação de

¹⁵A criação da UnB em 1961, contou com a idealização de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Baseada no modelo norte-americano, adaptado à realidade brasileira pelos seus idealizadores, a Universidade extinguiu as cátedras, flexibilizando os currículos dos cursos, além de reunir basicamente professores e pesquisadores brasileiros, em torno da construção de um “novo modelo civilizatório para o Brasil” (Darcy Ribeiro - *Universidade para quê?* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986).

duas, três vezes por semana. Com Fausto aprendi sobre Lógica Simbólica, Física Quântica, Jung, *I Ching*, T. S. Eliott, o *Mutus Liber* (sobre o qual escrevi um livro), Murasaki Shikibu, e tantos mais¹⁶.

De acordo com a racionalidade atual, “perdi tempo”, mas, naquele momento, a grade disciplinar da UnB era flexível¹⁷. Você me pergunta se isso me inspirou e eu penso que talvez tenha reverberado de algum modo, mas o Encontro de Saberes surge de outras demandas, ele é pós-cotas, é resultado de outras lutas.

O Encontro de Saberes é fruto de lutas políticas que Darcy Ribeiro não previu. Ainda que Darcy se colocasse como defensor dos povos indígenas, eles não estavam na Universidade e os negros também não. Quer dizer, o projeto da UnB previa uma universidade nova, mas que continuava sendo, pelo menos implicitamente, para brancos.

Talvez a maior contribuição de Darcy Ribeiro seja a ideia de América Latina, a ideia de “povos transplantados”, de “povos novos”. Ele tinha uma visão de continente que, hoje, a maioria dos nossos colegas ainda não gosta; pelo contrário, muitos odeiam. Por um lado, Darcy Ribeiro não se encaixaria numa Antropologia tão disciplinar, em função do seu evolucionismo um pouco superado, mas, também, por seu discurso politizado. De qualquer forma, na universidade, apenas uma minoria é assumidamente politizada.

Penso que o Encontro de Saberes pode estar vinculado à UnB por seu projeto claramente político, mas não pela discussão racial que, ainda, não estava presente na esfera acadêmica.

O senhor se reconhece como folclorista, além de etnomusicólogo e

¹⁶ CARVALHO, José Jorge. *Mutus Liber. O Livro Mudo da Alquimia*. São Paulo: Attar Editorial, 1995.

¹⁷ Sobre o papel dessa experiência de uma graduação marcada pela “exposição constante a áreas de conhecimento entre as artes, as humanidades e as ciências exatas”, José Jorge de Carvalho dirá: “Não vivi neste sentido, as limitações do fosso entre as duas culturas (as ciências e as humanidades) de C. P. Snow, o que me preparou para propor mais tarde, já como pesquisador e professor, uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar aos meus temas de estudo. O modo como abordei meus estudos e minhas pesquisas antropológicas foi desenvolvido com a influência desse trânsito de saberes que pude realizar praticamente sem barreiras de burocracia acadêmica, situação privilegiada e atualmente inexistente e para cuja retomada procuro agora contribuir com os projetos do INCT de Inclusão (...)” (CARVALHO, J.J. - *A Antropologia entre as Ciências Sociais e as Humanidades in: Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, 2017, v.42,n.1: 251-308, p. 252).

antropólogo. Como interpreta a disputa entre os folcloristas e os sociólogos paulistas? Não estavam dadas as condições para os estudos sobre a tradição popular e o folclore, na universidade?

Dizer que sou folclorista, antropólogo ou etnomusicólogo é, apenas, uma forma de dar uma pista da minha trajetória. Talvez eu não seja nenhuma dessas coisas completamente, porque também não sou um especialista. Escrevo sobre Etnomusicologia, mas não sou só etnomusicólogo.

E por que folclorista? Porque em 1973, logo que eu terminei a UnB, fui para Caracas e estudei com Isabel Aretz e Luiz Felipe Ramón Rivyera no Museu de Etnomusicologia y Folklore¹⁸. Essa experiência me abriu um novo horizonte, uma vez que no mundo universitário, não se chega tão perto da cultura popular, enquanto os folcloristas pesquisam a estética das suas formas concretas: seus cantos, poesias, danças, como o *joropo*, o *tamunangue* e instrumentos, tais como a *harpa llanera* e o *cuatro*. O folclorista não perde o gosto e a paixão pelas tradições populares, pela cultura popular tradicional que é maravilhosa!



Luiz Felipe Ramón y Rivyera e Isabel Aretz. Foto: Michel Plisson. Fonte: *Cahiers d'etnomusicologie* (<https://journals.openedition.org/ethnomusicologie/1429?lang=en>, em 26/08/2023)

Sim, por isso é acusado de romântico...

E daí? Os sociólogos dizem que os folcloristas não têm teoria, mas a

¹⁸Foi no Instituto Interamericano de Etnomusicologia e Folklore (Inidef) - um projeto da Organização dos Estados Americanos (OEA) sediado em Caracas - que José Jorge de Carvalho inicia sua especialização em etnomusicologia, primeiro como estudante e, depois, como pesquisador. Com a missão de "construir um arquivo de registro audiovisual das tradições musicais (incluindo as artes correlatas, tais como dança e poesia popular) de todos os países da América Latina", o Inidef dedicava-se também "a formar uma geração de jovens pesquisadores latino-americanos nas áreas de etnomusicologia e folclore." (...). Sobre a importância do Instituto, dirá, ainda: "fundado por Isabel Aretz, uma das mais eminentes folcloristas e etnomusicólogas da história do continente, que o dirigiu com Luís Felipe Ramón y Rivera, o decano dos folcloristas e etnomusicólogos da Venezuela, o Inidef foi em seu tempo o centro da inteligência dos estudos das músicas tradicionais do continente, tanto das tradições folclóricas, assim como das indígenas e afro-americanas" (idem *ibidem*, p. 253).

pergunta é: precisa? Algumas pessoas querem teoria, então, tudo bem, podem teorizar... Agora, não é preciso desqualificar o trabalho de alguém por não querer fazer teoria. Théo Brandão¹⁹ que era um folclorista refinado de Alagoas, dizia que Câmara Cascudo era um sofisticado historiador da cultura.

Há textos do Câmara Cascudo maravilhosos! Um dia, em Copacabana, andando e conversando com um amigo, passa um cão e, enquanto o amigo fez um cruz em credo, ele falou: "*Nocturnisque Hecatetrivis ululata per urbes*", frase da *Eneida* de Virgílio que quer dizer: "E na noite, Hécate – a deusa tenebrosa – encarna num cão ululando pelas ruas". Ele conecta o costume de fazer o esconjuro, do folclore, com um texto eminente de dois mil anos atrás! O que é um salto monumental de erudição, e de capacidade comparativa, valorizando, mesmo que um modo elitizado, a tradição popular. Isso é Câmara Cascudo! Ele vivia fazendo esses jogos incríveis de pegar as culturas do mundo antigo. Tem toda uma teoria, uma espécie de história da cultura erudita e popular em olhares cruzados, do que ela tem de oral e daquilo que, há muitos séculos e milênios anos atrás, foi escrito. Aquela teoria do *zigzag*, formulada por Menéndez y Pelayo, em que a cultura oral é escrita e, logo, contada de novo de modo a ficar na memória das pessoas que a expressam e, então, alguém vem e registra aquela cultura oral que já tinha sido escrita em algum momento... Esses *zigzags* maravilhosos que folcloristas como ele ou como o Théo Brandão desvendaram.

Nesses estudos não tem teoria funcionalista da cultura, nem marxista. A abordagem sociológica quer chamar atenção para o que eles não prestam atenção: o lugar desses costumes na vida social²⁰. Ao contrário, os folcloristas "descolam" os costumes do seu contexto e os observam detidamente e os descrevem. As duas

¹⁹Theotônio Vilela Brandão (1907-1981), médico e folclorista, foi membro fundador da Comissão Nacional do Folclore. Em 1975, a Universidade Federal de Alagoas criou o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore para abrigar seu diversificado acervo de cultura popular, que incluía sua biblioteca, além de manuscritos, correspondências, objetos tridimensionais, registros sonoros e fotográficos. Escreveu, entre outros artigos e ensaios: *Folclore de Alagoas* (1949), *Trovas populares de Alagoas* (1951), *O reisado alagoano* (1953), *Folgedos natalinos* (1961), *O guerreiro* (1964), *O pastoril* (1964). Em 1961 assume as cadeiras de Antropologia e Etnografia do Brasil na Universidade Federal de Alagoas até se aposentar, em 1975.

²⁰Na apresentação de sua *História da Alimentação no Brasil*, Câmara Cascudo responde a esse chamado de seus críticos: "Sei dos recenseadores de omissões, mais atentos ao que falta que verificadores do que existe. Conto com eles." CASCUDO, L.C. - *História da Alimentação no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967).

perspectivas se complementam. Maria Isaura Pereira de Queiroz estabelece um quadro sociológico bem demarcado para compreender a dança de São Gonçalo, e quem não fizesse um quadro como aquele era considerado “apenas” um folclorista, o que os rebaixa e exclui. Nos anos 50, havia uma meia dúzia de universidades, como a USP, e houve uma exclusão muito forte dos folcloristas.

Hoje, inclusive, continua essa desconfiança. Ao nosso ver, ninguém tem a leitura completa, as perspectivas se complementam. Deve ser por isso que não rejeito ser identificado também como folclorista, porque não excluo o interesse, a minha paixão pelas formas simbólicas das tradições populares, belas em si mesmas sem que seja preciso explicá-las antropologicamente, sociologicamente...

Que outros tipos de “exclusão” tem caracterizado o ensino superior brasileiro?

As universidades foram criadas a partir de uma dupla exclusão: uma exclusão étnico-racial e uma exclusão epistêmica. Elas foram monoepistêmicas, somente eurocêntricas, na medida em que reproduziram o saber das universidades modernas européias no Brasil. A USP era uma missão francesa que replicava uma universidade francesa, aqui, em São Paulo. Não queriam nem saber dos indígenas que moravam no interior do estado, nem dos 30% de negros e suas tradições. Ficaram todos de fora. Eram universidades monoepistêmicas, na medida em que deixavam as outras epistemes de fora.

Além disso, era uma universidade para brancos: professores brancos, alunos brancos e funcionários brancos. Obviamente o racismo organizou tudo isso.

Admitir que o Brasil é formado pelo tripé colonizadores europeus, negros escravizados e indígenas que já estavam aqui, fez com que nas humanidades e, principalmente, na Antropologia, os indígenas tenham estado sempre no horizonte. Bem ou mal, a obra e o papel político de Darcy Ribeiro também influenciaram as Ciências Sociais, garantindo a presença da questão indígena.

Em contraposição, a situação da população afrobrasileira, a questão dos negros no Brasil, sofre um bloqueio significativo na academia. Isso porque no debate sobre os povos indígenas que não estão no nosso meio, mas distantes do nosso

cotidiano, a universidade não é minimamente ameaçada mentalmente, vamos dizer assim. E o dilema dos indígenas é equacionado a partir da universidade, que ajuda o Estado a encontrar soluções.

Enquanto isso, os negros, que compõem o mesmo grupo e convivem conosco em todas as áreas da vida cotidiana, da Universidade são excluídos, numa espécie de *apartheid* racial.

Como é que o pensamento negro vai entrar onde há um *apartheid* físico, onde os negros não estão? Então o pensamento negro também não podia entrar; e quando entrava, era porque foram os brancos falando pelos negros. Há um medo, porque a raiz civilizatória negra tem uma psicologia e cosmovisão próprias com características muito fortes que se relacionam, inclusive, com a ecologia. Os terreiros são um lugar onde você preserva as ervas, cuida das plantas, onde os orixás são deuses da natureza. Você tem um mundo arquetipal politeísta, muito diferente do mundo ocidental cristão. A espiritualidade é parte disso, quase todas as tradições afro-brasileiras questionam esse mundo secular ateu característico da universidade.

No Jongo, no Maracatu, no Congado você tem tradições profundamente religiosas. Não é possível abordar apenas as questões sobre cidadania, não há como "limpá-las" completamente de questões maiores que foram excluídas da tradição do mundo ocidental moderno e vão ter que ser equacionadas.

Um sintoma dessa dificuldade de equacionar essas questões que emergem das tradições negras é o número pequeno de especialistas em Cultura Afro-brasileira nas nossas universidades. Fiz um apanhado e cheguei a uma conclusão óbvia: os estudos afro-brasileiros constituem a parte menos desenvolvida da Antropologia ou da Sociologia no Brasil (pelo menos até agora).

Quando cheguei aqui, na Antropologia da UnB, não tinha praticamente ninguém especializado em Estudos Afro-brasileiros, fui o primeiro a dar essa matéria sistematicamente. Na época, foi emblemática a resposta de um professor importante do departamento quando comentei que, nas matrizes que ele fazia com as áreas da Antropologia, não estavam incluídos os Estudos Afro-brasileiros. Disse-me, de um modo desdenhoso, que eu estava colado no "nível da empiria", enquanto ele estava trabalhando no "nível do conceito"! Fiquei me perguntando se os indígenas seriam

empíria ou conceito... mas sei que reagiu emocionalmente quando lhe fiz a pergunta sobre os Estudos Afro-brasileiros.

Na USP, por exemplo, Kabengele Munanga – que é o Vice Coordenador do Instituto de Inclusão – foi o único professor, ao longo de trinta anos a se dedicar a essa área. A Unicamp, a UnB e tantas outras, ainda têm pouquíssimos professores negros. Na UFRJ, os Estudos Afro-brasileiros foram coordenados por muito tempo por dois professores – Peter Fry e Ivone Maggie – que assinaram e fizeram campanha para o manifesto contrário às cotas!

O que exatamente está por trás de ser contra as cotas? É medo de que aumente exponencialmente e de uma vez por todas o número de estudantes negros? É porque, em algum momento, alguém, negro ou negra, chegará a professor (a)? A probabilidade é que aumente o número de professores negros, então “tem que barrar logo? Não deixar entrar”?

Por uma Outra Universidade

Como o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI/CNPq/UnB se propõe a intervir nessa condição excludente da Universidade?

O Observatório de Cotas é resultado da luta pelas cotas. Como foi um processo muito rápido, de efervescência e de expansão, sentimos a necessidade de saber e de monitorar o processo de inclusão, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo.

Observamos para que não haja retrocesso e para que esse processo avance, representado pelo maior número de estudantes da Graduação e que corresponda a um processo de inclusão também epistêmica, porque muitos desses estudantes vão seguir para o mestrado, para o doutorado e vão querer entrar na carreira acadêmica.

Já começamos a ter os sinais de que isso está acontecendo, tanto que o Observatório começa a apontar para os programas de pós-graduação e para a docência. O Observatório tem essa missão de não deixar parada a luta pela inclusão

concreta, via cotas, em todo o sistema acadêmico.

Por outro lado, o Encontro de Saberes é um contraponto, é um outro tipo de cota que é a “cota epistêmica”, como poderíamos chamar, e o que não vem, por enquanto, do mundo dos diplomados, porque os diplomados são monoepistêmicos. Então, se o que se quer é uma universidade pluriépistêmica, é preciso que seja através dos mestres e mestras. E quem são os mestres? Os mestres são indígenas, negros, quilombolas, ou seja, majoritariamente não-brancos. E acabam garantindo uma cota racial e étnica, mas sobretudo garantem a cota epistêmica na universidade²¹.

O Encontro de Saberes aponta para o fato de que o mundo acadêmico é cronicamente excludente do ponto de vista étnico o que, paralelamente, bloqueou o saber que pudesse vir das comunidades dessas pessoas excluídas. A universidade bloqueou o saber dos negros, dos quilombolas, dos povos tradicionais. Não tem lugar para eles nas ementas dos nossos cursos que são exatamente como as de um país europeu ou norte-americano. O Encontro de Saberes desafia/convida para essa construção do saber na universidade. É uma gota de água num universo gigantesco que tem que ser pactuado, argumentado o tempo todo. O INCTI²² tem essas duas missões: acompanhar as Cotas em todos os níveis e colocar um caminho para uma universidade pluriépistêmica que reflita de fato a riqueza do país, no ensino e na pesquisa.

Quem são seus pares? Há outras universidades no Brasil e na América Latina que já começaram esse processo?

Pares concretos são poucos porque os sinais de inclusão na universidade

²¹Para informações atualizadas sobre o debate das cotas epistêmicas ver: CARVALHO, José Jorge. Cotas Étnico-Raciais e Cotas Epistêmicas. Bases para uma Antropologia Antirracista e Descolonizadora, *Revista Mana*, Vol, 8, No, 3, 1-36, 2022.

²² O INCTI inicia seus trabalhos em 2009 e é fruto direto do processo de luta pelas cotas para Negros na UnB e do Programa dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT) criado pela Portaria MCT Nº 429, de 17 de julho de 2008. No site e canal de Youtube do instituto, pode-se acessar os [depoimentos da cerimônia de inauguração da sua sede](#) em 2012, na UnB que ocorre em pleno processo de julgamento da constitucionalidade das cotas universitárias pelo Supremo Tribunal Federal (disponível em <https://youtu.be/ALP-6NnvOt4>, acessado em 07/04/2023).

hegemônica são mínimos ainda. O que existe em vários países da América Latina é uma grande rede que é a Rede das Universidades Interculturais Indígenas²³. Na última década houve um grande movimento do Ensino Superior Indígena, através de um modelo de interculturalidade. São universidades bilíngues que começam a produzir material em suas respectivas línguas, até então negadas pelo sistema educativo. No Brasil, nós temos o PROLIND, a rede do MEC de cursos interculturais²⁴ para a formação de professores indígenas. Mais de vinte muito boas experiências de interculturalidade indígena em Minas Gerais, Roraima, Acre, Goiás, Santa Catarina, entre outros, estão em andamento. A proposta, no entanto, está ligada à formação de professores, o que não promove a interculturalidade na universidade como um todo ou, como no caso equatoriano, você tem uma outra universidade que é Intercultural Indígena.

Nesse sentido, essas experiências não constituem “pares” plenos, porque o que estamos chamando de Encontro de Saberes é o exercício de fazer com que as nossas universidades, as hegemônicas que formam a elite e todo o poder decisório do Estado, sejam interculturais, sejam pluriepistêmicas, tenham os saberes afro, indígenas dentro delas e em todos os cursos – na Psicologia, nas Artes, na Literatura, onde quer que seja e não apenas na formação de professores.

Temos pares no âmbito da teoria que apontam a necessidade de um mundo pluriepistêmico. É o caso do pensamento decolonial, que aponta para a superação da colonialidade do saber nas universidades. De toda forma, ainda é um processo incipiente. Na minha conversa com os colegas, em todos os lugares, o Encontro de

²³Luis Fernando Sarango, ex-reitor da Universidad Amawtay Wasi, Equador é uma das lideranças dessa Rede e foi quem proferiu a conferência de abertura do Seminário Encontro de Saberes nas Universidades – Bases para um Diálogo Interepistêmico, que ocorreu entre os dias 16 e 17 de junho de 2015 naUnB, Brasília. No vídeo Pluriversidad Indígena Amawtay Wasi, Luis Fernando Sarango comenta a resistência da instituição frente a sua não aprovação no processo de avaliação do governo equatoriano. Somente em 2018, um novo acordo com o Ministério da Educação reconhecerá e garantirá orçamento para o funcionamento da Universidad.

²⁴Programa de apoio à formação superior de professores que atuam em escolas indígenas de educação básica: “O Ministério da Educação - MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD, da Secretaria de Ensino Superior - SESu e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE - convocam as Instituições de Educação Superior - IES públicas federais e estaduais para apresentarem propostas de projetos de Cursos de Licenciaturas específicas para formação de professores para o exercício da docência aos indígenas, considerando as diretrizes político-pedagógicas publicadas neste Edital” (Edital nº3 de 24 de junho de 2008). Ver também <https://ensinosuperiorindigena.wordpress.com/>.

Saberes é visto com surpresa. Penso, sinceramente, que a perspectiva dos mestres como parte da universidade hegemônica, a partir do reconhecimento dos seus saberes, foi imaginada aqui no Brasil.

Como se dá essa proposta de construção da universidade pluriepistêmica configurada pelo Encontro de Saberes?

O Encontro de Saberes é uma proposta de solução, entre outras, para o impasse colocado pela teoria da decolonialidade, da chamada modernidade-colonialidade. Essa rede de pensadores na América Latina – Quijano, Mignolo, Catherine Walsh – para quem a colonialidade é uma espécie de padrão colonial, racista que ficou instituído na América Latina, que precisa ser superado. Esses intelectuais fazem um diagnóstico dessa colonialidade do saber, com o qual estou plenamente de acordo, mas eles não trazem uma proposta do que fazer para promover a mudança e a superação da episteme ocidental.

Muitas universidades europeias, por exemplo, têm estudos das tradições orientais e africanos muito fortes, ainda que com a perspectiva colonizadora de antes. A produção sobre o pensamento chinês, o indiano, o budista, o hinduista, islâmico, africano, enfim, todas as grandes civilizações do mundo é expressiva. Londres tem a SOAS – Escola de Estudos Orientais e Africanos, uma poderosa e secular instituição, com o seu equivalente na França, na Alemanha toda formadas nos sécs. XVII e XIX dentro de uma mentalidade colonialista. Poderíamos dizer que nesses centros do pensamento oriental e africano, com traduções de textos e grandes acadêmicos das escolas dos tradutores dos clássicos da China, dos clássicos mulçumanos, das grandes narrativas míticas, cosmológicas, filosóficas e literárias dos povos africanos em uma diversidade de línguas, todos poderiam, lentamente, começar a influenciar o resto da universidade dizendo “Alto lá! Vocês estão falando só da filosofia ocidental, mas nós temos aqui outros filósofos e pensadores para vocês estudarem: da Escola de Kyoto no Japão, do Neoconfucionismo, do budismo zen, o pensamento de Ifá, a filosofia Banto, Dogon etc” poderiam começar a influenciar o pensamento dominante da universidade através do pensamento oriental, já que essa universidade trouxe especialistas

desses pensamentos. Quem sabe, a médio e longo prazo, essa seja uma maneira de que essas universidades fiquem mais abertas?

De qualquer forma, não são pensamentos dali, são pensamentos de outros lugares do mundo, o que não é o nosso caso, o da América Latina, que está negando o pensamento que está ao seu lado. Como um amigo do México me disse, você sai da universidade e, na esquina, encontra um senhor maia vendendo comida, começa a conversar com ele e você fica sabendo que ele conhece o calendário maia, um grande mestre de calendário maia está ali, vendendo tamales na porta da instituição acadêmica! Um sábio dos povos tradicionais vendendo café para um sábio diplomado! Isso é um paradoxo. Podemos comparar o Colégio do México com a Escola de Estudos Orientais de Londres e Africanos onde se lê os textos clássicos de um, dois, três mil anos. A diferença é que em Londres não existem sábios dos povos tradicionais nas ruas em volta do edifício. Esta é outra história, que também aponta para outro tipo de exclusão étnico-racial e epistêmica; porém, o que acontece no México (e em toda América Latina) é ainda pior.

Os acadêmicos hispano-americanos que falam da colonialidade não têm, pelo menos até agora, uma proposta de intervenção. O Encontro de Saberes é uma proposta concreta de intervenção, nessa linha descolonizadora. Não imagino, até agora, nenhum outro modo de fazê-lo. Como descolonizar a universidade, a partir dos que já estão lá? Se utilizarmos apenas as categorias ocidentais para descolonizar, não sairemos desse círculo vicioso epistêmico. A episteme seria a mesma, sendo apenas enriquecida pelas outras. Seus representantes não seriam aqueles formados por essas outras epistemes, que vivenciaram outros processos de transmissão de saberes, outras propostas civilizatórias que não foram absorvidas, ao contrário, foram quase destruídas, mas resistiram e precisam ser retomadas.

O Encontro de Saberes não vem da Academia, foi a Rede das Culturas Populares que solicitou e que me chamou, foi uma demanda dos mestres, nos dois Seminários de Culturas Populares²⁵. No mundo da universidade, a proposição veio

²⁵ I e II Seminários de Políticas Públicas para as Culturas Populares (2005 e 2006), para o qual a Rede de Culturas Populares convida o professor José Jorge de Carvalho a participar. Promovidos pelo Ministério da Cultura, os Seminários deram origem ao *Plano Setorial das Culturas Populares* publicado em 2010. Vide catálogos de cada Seminário: I Seminário de Políticas Públicas para culturas Populares 2005 - disponível em

das cotas, porque as cotas também não eram colocadas pelos que falam da decolonialidade. O discurso da descolonização não veio paralelo a nenhum discurso de intervenção, nem sequer por cotas. Fui à Colômbia inúmeras vezes e, lá, eles não conseguem dar início a um sistema de cotas convincente, robusto. Também fui debater as cotas no Equador e lá, também, é uma demanda não realizada. Com todas as dificuldades aqui, no Brasil, demos esse passo importante.

O Encontro de Saberes é uma proposta de solução para o problema crônico de uma episteme colonizada. Ele se propõe a trazer os mestres e alterar o sistema de validação, a partir do *Notório Saber* equivalente ao de um professor adjunto ou de um doutor. O que significa que não só quem foi formado na episteme ocidental tem um saber válido, mas também quem foi formado em outras epistemes tem outros saberes válidos. A gente faz uma equivalência.

Essa discussão teórica-filosófica é fascinante. Quanto sabe um mestre comparado a um doutor? Ele sabe o equivalente a um aluno de graduação, de mestrado ou de doutorado? São perguntas que nos desafiam a pensar o que sabemos de fato e o que é o saber? Qualquer um tem direito de questionar como é que a gente está fazendo essa validação. Precisamos de respostas boas para isso. Quer dizer, o Encontro de Saberes é uma resposta para o problema crônico do racismo como também para o epistemicídio, a negação dos saberes. Ele mexe com os dois simultaneamente e deve estar ao lado das cotas.

Outro aspecto ainda mais complexo é que idealmente nós teríamos uma universidade poliglota (com vários idiomas daqui), pluriepistêmica e com diversidade étnico-racial.

Para isso, precisamos de professores negros, em todas as áreas, mesmo que a maioria deles esteja apenas na linha da episteme ocidental, não tem problema nenhum. Temos que ter matemáticos negros, engenheiros negros, médicos negros, comunicadores, ensinando o que ele/ela queira ensinar. São dois direitos que se fundem: o direito de equidade racial e o direito de equidade epistêmica. E o mesmo

<http://bibliotecadigital.abong.org.br/jspui/bitstream/11465/603/1/979.pdf> e II Seminário e I Encontro Latino Americano das Culturas Populares 2006 - disponível em <https://docente.ifrn.edu.br/narapessoa/disciplinas/configuracoes-culturais-ii/espetacularizacao-e-canibalizacao-das-culturas-populares> - acessados em 01/05/2023.

vale para os docentes indígenas.

Por outro lado, precisamos de professores que conheçam outras epistemes, o que é mais complexo. Por exemplo, um professor negro que venha também de religião de matriz africana ou que venha de comunidades quilombolas, de comunidades tradicionais que além do conhecimento ocidental com o qual chegou no doutorado, tenha outros saberes que também pode e deve ensinar. É um tipo de docente que não temos, ou que são pouquíssimos.

Finalmente, há, ainda, uma terceira via para a diversidade étnico-racial das universidades que são os mestres – os professores negros, os professores indígenas, os professores quilombolas dos povos tradicionais – que não têm diploma e que não foram formados na episteme ocidental.

Há muita contenção, muito confinamento²⁶ nas nossas universidades. Um segundo aspecto, além desse quadro mais ligado à diversidade étnico-racial na universidade, é o sistema de transmissão. É validarmos a oralidade.

O Reconhecimento dos Mestres da Oralidade e da Espiritualidade

Na abertura do Seminário Encontro de Saberes nas Universidades - Bases para um Diálogo Interepistêmico, organizado pelo INCTI, na UNB, em 2015, o sr. levantou uma relação de 10 temas que precisam ser aprofundados, entre eles a questão da Oralidade versus Escrita. Como operar essa mudança de paradigma?

A epistemologia dominante tem em Karl Popper uma grande referência. Sua

²⁶“As universidades se constituíram como espaços institucionais brancos, devido principalmente a uma herança racista que negamos enfrentar. Em um país que abriga a segunda população negra mais populosa do mundo, a implementação das cotas raciais significa o início de reposicionamentos políticos no mundo acadêmico, uma vez que a universalidade de determinadas formulações passam a ser questionadas. Este ambiente segregado, mantido pelo que podemos chamar de impunidade da segregação, não se limita ao corpo docente, está na rede de sociabilidade desses professores brancos, bem como se estende aos currículos acadêmicos que acabam por (re)produzir uma ciência confinada, monorracial e monoétnica. Questionar a neutralidade racial do campo teórico foi a primeira crise epistemológica provocada pelas cotas.” - CARVALHO, José Jorge. O confinamento racial no mundo acadêmico. *Revista USP*, São Paulo, n.68, p. 88 – 103, dezembro/fevereiro 2005/2006.

proposição funda uma epistemologia a partir da oposição radical com o senso comum, isso a partir da matematização que foi o que fez a grande revolução científica e a consequente reforma universitária da passagem do séc. XVII até meados do séc. XVIII, quando as universidades foram entrando no chamado Iluminismo. Segundo Koyré²⁷, a grande revolução se dá com Galileu porque é neste momento que há uma ruptura com o senso comum. Isso porque, quando você matematiza o universo, qualquer expressão simbólica (que ele chamava de fabulação) mítica, espiritual, estética, cosmológica perde o sentido e o que resta é a causa eficiente; a única validada por Galileu do sistema das quatro causas sistematizado por Aristóteles.

Coopera para essa constituição epistemológica galileana o arcabouço matemático criado por Newton para a compreensão do cosmos a partir das leis da gravidade e do movimento. O que estava fora disso virou superstição, pensamento incorreto, saberes que precisam ser abandonados, enquanto toda uma avenida maravilhosa se abria para um saber correto, exato, pela sua precisão matemática.

Até hoje a gente vive isso. Ligamos o rádio e, em cinco minutos, escutamos alguma porcentagem: de algum aspecto do nosso corpo, da inflação, do preço da cebola, da bolsa de valores... Todos os dias, ainda que ninguém entenda, ficam falando de pontos da bolsa de valores, de números, enquanto o médico fala de seus índices, do número de plaquetas no seu sangue... Tudo absolutamente matematizado. O que já colonizou as nossas mentes.

Os únicos territórios que resistiram um pouco à matematização foram, em alguma medida, os territórios da Arte e da Psicologia. Mesmo na Arte, há aspectos dessa colonização. A maneira como são aprendidos os instrumentos musicais é bastante matematizada. Você fica fazendo vários tipos de simulações para saber quais métodos são mais eficazes. Essa eficácia é medida pela capacidade de digitar, pela velocidade e até as posições do corpo são matematizadas. A Arte não

²⁷Alexandre Koyré (1862-1964) foi um filósofo e historiador da ciência, de nacionalidade franco-russa. Em uma de suas principais obras, *Estudos Galilaicos*, Koyré historiciza o processo de matematização da natureza e a transformação dos fundamentos da ciência na primeira metade do séc. XX. Koyré entende que este processo corresponde a uma revolução científica que daria origem a um novo sistema teórico de compreensão do mundo físico e da relação entre saber e percepção. KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro, Forense Universitária; Brasília: Ed. UnB, 1982.

está isenta desse avanço. E outra área especificamente resistente a esse processo de matematização seria a da Espiritualidade.

A radicalidade da ciência *versus* senso comum passa por ela ser constituída por comunidades científicas. Você vai a qualquer instituição científica e, ali, está definido muito claramente que não há lugar para o senso comum, o único idioma aceito é o idioma científico moderno.

Lacan mostra que a Psicanálise – esse novo saber que aparece na virada do séc. XIX para o XX – é praticamente o primeiro saber constituído moderno que não se encaixa nesse paradigma científico. Já Freud tinha essa dificuldade porque defendia a Psicanálise como uma ciência, há textos seus em que discute se ela deveria ou não estar na universidade. Lacan avança quando diz que o saber não se restringe ao conhecimento científico ou acadêmico, porque existem vários saberes que comparecem sem que sejam passíveis de *falsificação*, no sentido popperiano.

Na cena analítica, segundo Lacan, comparece um saber entre o paciente e o terapeuta que tem concretude, poder transformador, com estatuto de verdade, mas não pode ser repetido ou verificado num novo experimento porque ao entrar um novo paciente um novo saber será resultado daquela nova cena única, singular. É preciso admitir, então, que essa outra verdade não seja capturada.

O sujeito da ciência moderna é um sujeito esvaziado. Koyré mostra como Galileu esvaziou esse sujeito, pela matemática. A força desse modelo é esvaziá-lo a tal ponto que o sujeito perde a noção das consequências das suas descobertas e faz a bomba atômica, por exemplo. Um descontrole completo! Outro exemplo é o de uma ciência abelhicida, como a que fazem os químicos da Monsanto. Como pode passar pela cabeça de um cientista matar as abelhas do planeta? Mas ele não pode fazer esse questionamento porque ele não tem lugar subjetivo para colocar essa questão para si mesmo nem para ninguém.

Daí Lacan dizer que é preciso construir um *outro lugar* para a Psicanálise. E, no meu modo de ver, os Mestres entram aí, nesse *outro lugar*, de modo algum naquele lugar do sujeito esvaziado galileano/newtoniano.

Uma nova discussão que me parece fantástica, é a da revolução quântica, do

início do séc. XX. Desde o princípio de Heisenberg²⁸, com o princípio da incerteza e a famosa equação *psi* de Schrödinger²⁹ sobre o colapso do sistema no momento da verificação: demonstra que é o olhar do observador que faz o sistema colapsar e se apresentar com um determinado padrão que você mede e parece ser o padrão estável da natureza, só que não é. É o momento em que você olha que parece estável, no entanto, é instável, aleatório, até que haja um observador que o veja, e possa medi-lo, ainda em termos probabilísticos, nunca exatos.

Estamos falando da escala do universo subatômico, evidentemente, não de uma escala macro, mas de qualquer maneira, com Schrödinger, o lugar do observador deixa de ser esse lugar neutro postulado pelo modelo galileano/newtoniano. Como fazer essa passagem para que isto venha, agora, a ter seu valor e influência em todo campo acadêmico é algo que está anda por fazer e que é fascinante.

O debate com a Psicologia ou a Psicanálise pode ocorrer neste sentido, além das outras disciplinas que queiram dialogar. Poderíamos entrar, modestamente, aqui na UnB e nas universidades que estão fazendo o Encontro de Saberes apontando essa questão de que o lugar dos mestres não é o lugar em que a epistemologia *popperiana* opera. Eles estão no lugar de “sujeito suposto saber”, análogo ao lugar do analista e do docente acadêmico.

Por isso também são fundamentais aqueles quatro discursos lacanianos³⁰: a) o discurso do amo, feudal, da relação dialética amo-escravo ou amo-servo; b) o discurso do universitário; c) o discurso da histórica (aquele discurso que fundou a Psicanálise com o Freud); d) e o discurso do analista.

O discurso do mestre não é o discurso do *amo* e também não é o do *universitário*, que está conectado com o discurso capitalista do *mais saber*, da linha de produção que é o mandato dado sobre o pós-graduando que está se formando para ser docente e que diz “procure saber cada vez mais”. O *mais valor* do capital é

²⁸ Werner Heisenberg, em 1927, formula o princípio da incerteza que impõe restrições à precisão com que se podem efetuar medidas simultâneas de uma classe de pares de observáveis em nível subatômico. Recebeu o prêmio Nobel de Física em 1932 pela criação da mecânica quântica.

²⁹ Erwin Schrödinger foi o físico austríaco que em 1925 desenvolveu a equação que descreve como o estado quântico do sistema físico muda com o tempo.

³⁰ LACAN, Jacques *O Seminário Livro 17. O Averso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

o *mais saber* da academia. O mestre não está na lógica do *mais saber*, na lógica da produtividade. Ele tem fissuras que também não cabem no lugar fechado fantasmaticamente do amo que se acha completo quando de fato não é, porque, na verdade, também é um sujeito barrado, um sujeito da falta, portanto incompleto.

Dos quatro discursos lacanianos, acredito que o discurso do mestre tem semelhança com o discurso do histérico, porque ele também pergunta para a academia se ela sabe de fato e pede para que prove que sabe comparado com o saber que ele tem. Inclusive porque, às vezes, a academia não tem uma boa resposta para ele e para os diferentes planos de realidade de seu saber, com os quais a academia nem sempre lida, como os sistemas de cura, o xamanismo e vários outros. Vindos da tradição oral, os mestres ocupam um lugar questionador que é bastante desafiador para a ordem científica estabelecida.

Oralidade e Escrita

Falemos então, mais concentradamente, porque a Oralidade e a Escrita constituem, também, um tema para o Encontro de Saberes. A universidade funciona hoje, basicamente pelo sistema da escrita especializada. Uma longa trajetória fez com que ficasse só com os textos escritos: provas, formulários de avaliação,



Mestre José Jerome e o contra mestre Benedito Antonio, aula do Encontro dos Saberes, na UnB. Foto: Leonardo Fontes. Fonte: <https://www.antropologiasocial.com.br/sid-7-anos-alunos-da-unb-recebem-aulas-de-congado-com-mestre-da-cultura-popular-de-sao-paulo> (acessado em 27/08/2023)

ementas. Toda a burocracia é escrita, e só vale enquanto escrita. O lugar da oralidade é geralmente recalçado ou não muito refletido, porque parece ser apenas um veículo da escrita. O professor fala, na aula e, na maior parte das vezes, tem um texto de base. Poucas são as áreas da universidade em que a oralidade e a escrita são vistas como um “problema”, como uma questão.

O Teatro é um exemplo disso, em que a corporeidade também está inserida.

Não adianta ler apenas o livro de teatro, o trabalho do ator em cena passa pelo diretor que transmite como deve estar a voz e outras informações que o papel não transmite e que não são equações galileanas/newtonianas. Na Música, nas chamadas *masterclasses*, os alunos vêem o mestre tocar, procuram perceber como o seu corpo está colocado, o que é uma espécie de transmissão oral que é, ainda, uma parte pequena de todo o processo de aprendizagem do músico, na universidade. Temos diferentes níveis de complexidade da passagem da oralidade à escrita. A Literatura discute muito isso. Há um termo concebido por Pio Zirimu (Uganda)³¹, Yoro Fall (Senegal)³², Ngũgĩ wa Thiong’o (Quênia)³³ que é a oralitura³⁴, como alternativa à literatura oral. Muitas sociedades tradicionais de onde vêm os mestres estão baseadas em grandes processos de memorização. Tivemos o exemplo maravilhoso do **mestre José Jerome**³⁵, um portento de memória. Há um tipo de mestre que é assim, pessoas de uma memória enciclopédica precisa.

Uma memória longa e precisa, num mundo desmemoriado e impreciso. Fiz vários testes de memória entre os alunos, cada vez mais amnésicos. Em um deles pedia que recitassem uma poesia e, com exceção dos alunos das Letras, nenhum

³¹ZIRIMU, Pio. An approach to Black Aesthetics" in: Pio Zirimu; Andrew Gurr, eds. (1973). *Black Aesthetics: Papers from a Colloquium Held at the University of Nairobi, June, 1971*. East African Literature Bureau.

³²Ver FALL, Yoro. *Historiografía, sociedades y consciencia histórica em África* in: *Estudios de Asia y Africa*, vol.26, 3 (86), número especial: África: inventando el futuro, El Colegio de México: México, set-dez, 1991, p. 17-37 (<https://www.jstor.org/stable/40312291?origin=JSTOR-pdf> (acessado em 26/08/2023)).

³³THIONG’O, Ngũgĩ wa. *Globalectics. Theory and the politics of knowing*. New York: Columbia University Press, 2012.

³⁴Ver SANTOS, Margareth Nascimento – Entre o Oral e o Escrito a Criação de uma Oralitura. *BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras* n.01, dezembro de 2011: “O conceito de oralitura é adotado pelos escritores antilhanos a partir da década de 80 e a justificativa para o uso de tal nomenclatura, segundo estes autores, está no fato da literatura tradicional, da forma como é concebida, não oferecer espaço que abrigue (...) a memória coletiva local que está essencialmente forjada na oralidade e que representa as suas tradições.” SANTOS (2011). No Brasil, o conceito é trabalhado por Leda Martins, que amplia sua compreensão para abarcar os processos de inscrição e grafia das memórias nos corpos e vozes através das performances e práticas rituais, notadamente as associadas às cosmovisões africanas e afro-diaspóricas. A esse respeito, ver MARTINS, Leda. 2003. “Performances da oralitura: corpo, lugar da memória”. *Letras*, (26), pp. 63–81.

³⁵ Mestre Zé Jerome do grupo de Congado de Moçambique de Cunha atuou em 2010 e 2013 no Módulo IV da Disciplina “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais” oferecido pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (<https://www.antropologiasocial.com.br/sid-7-anos-alunos-da-unb-recebem-aulas-de-congado-com-mestre-da-cultura-popular-de-sao-paulo/> - acessado em 27/04/2023). O componente curricular do módulo tinha a música como foco. Neste vídeo, o mestre conta a história de São Benedito: <https://youtu.be/7SxHuz1oFFo> (acessado em 27/04/2023)

se lembrava de qualquer poesia. Pedi que memorizassem uma poesia e fracassamos todas as vezes. Vem, então, **mestre Zé Jerôme** e trabalha para que eles cantem, memorizem e dancem, ao mesmo tempo em que passam o bastão. Promove um retorno ao mundo da oralidade.

Vem dos mestres uma oralidade às vezes plena da grande memória. Então, trazer os mestres é trazer em vários planos a complexidade, a riqueza da relação oralidade-escrita, sobre o que nós não temos pensado.

Finalmente, há também a questão da validação. Como validar o saber de alguém que não escreve e que não usa a escrita para validar o que sabe? Existe um tipo de relação oralidade-escrita que é a tradução, a passagem direta de um texto oral para a escrita. Muitos mestres virão para a universidade e começarão, por exemplo, a contar textos maravilhosos, poesias orais, mitos, histórias, lendas que podem ser transcritos e que produziram uma espécie de oralitura escrita que reflita a riqueza cultural dos mestres.

Uma segunda relação entre oralidade e escrita se dá quando o que vai ser escrito é, na verdade, uma transliteração, uma condensação, uma elaboração sobre o saber do mestre. Uma vez que nem tudo o que está sendo passado tem um significado de escrita. Trata-se de um segundo nível de escrita, onde há uma intervenção de quem escreve. Trata-se do diálogo, de um encontro de saberes denso em que o saber que está sendo transmitido pelo mestre popular é traduzido nos nossos termos, em uma elaboração co-dependente.

A presença dos mestres permitiria, por exemplo, uma elaboração psicológica, uma reflexão filosófica do mestre, um *insight*, uma intuição ou, ainda, a tradução de procedimentos que o mestre vai explicando e que nós traduzimos para a linguagem escrita, na arquitetura, na fitoterapia, na agroecologia. Daí termos um segundo tipo de relação oralidade-escrita que é uma tradução rica e criativa que convoca pessoas de várias áreas.

O terceiro tipo é um terreno que é propriamente da escrita e em que a oralidade é uma exegese ou hermenêutica apenas. É um suporte secundário da eminência do texto, como diz Gadamer, que não pode deixar de ser passado. Na Teologia, na Filosofia, na Poesia, na Literatura, o texto é eminente, a oralidade existe o tempo todo como uma hermenêutica, como uma exegese para que esse

texto possa ser transmitido com mais riqueza. É o caso dos textos clássicos das chamadas grandes civilizações, tais como a *Iliada*, o *Mahabharata*, os *Analectos*. Os mestres não entram na educação à distância. Não tratam de virtualizar, mas de encarnar, corporificar. Nesse ponto, diferentes áreas vão desenvolver diferentes

protocolos da relação oralidade-escrita.

Na Arquitetura, por exemplo, podem ser feitas cartilhas de como fazer as amarrações. O aluno aprende a fazer uma amarração super complicada de cipó para fazer a casa, mentalmente. O professor, então, vai fazendo um desenho dessa amarração, como Leonardo Da Vinci fazia... Mestra Lucely Pio³⁶ ensina o que fazer com determinada planta



Mestra Lucely Pio colhe plantas no cerrado. Foto: divulgação. Fonte: <https://projeto colabora.com.br/ods8/cerrado-berco-de-guardias-dos-saberes-ancestrais/>

para extração de seu poder de cura. Ela sabe de memória os procedimentos, mas você os escreve. A validação daquele saber é importante para o reconhecimento do Notório Saber daquele Mestre³⁷. É preciso fazer uma memória escrita que mostre que na cabeça daquela pessoa que não escreve, existe um saber tão vasto quanto o saber do doutor que escreve.

Outra forma de validar aquele conhecimento seria a prova oral, a defesa de tese, a arguição que está legitimada na universidade e pode ser estendida para a validação do saber dos mestres. Eis um modo de fazê-lo: o Conselho Universitário nomeia um relator para a redação do Memorial daquele mestre e o próprio mestre

³⁶Lucely Pio em parceria com a professora Silvéria Santos do curso de Enfermagem atuou de 2010 a 2013 na Disciplina "Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais" oferecido pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Pio, mestre raizeira, rompe com o antropocentrismo e nos ensina que as plantas e animais também podem ser sujeitos. No vídeo Histórias que cultivo - Herdeiras dos Saberes do Cerrado pode-se conhecer um pouco Mestra Lucely Pio (disponível em: https://youtu.be/OvrhPSM_Jb8, acessado em 07/04/2023).

³⁷Para uma referência sobre o notório saber e os mestres titulados ver: CARVALHO, José Jorge. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Povos e Comunidades Tradicionais. Em: Mônica Medeiros Ribeiro e Fernando Mencarelli (orgs). *Mundos Possíveis. Culturas em Pensamento*, 69-101. Belo Horizonte: Incipit, 2022.

faz a sua defesa diante de um Conselho de doutores. Como poderia ser? Mestre Biu³⁸, por exemplo, cantaria ou dançaria o Cavalo Marinho?



Mestre Biu Alexandre (1943-12022) líder do Cavalo Marinho Estrela de Ouro de Condado. Foto: Jan Ribeiro/ Secult PE – Fundarpe. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fundarpe/32232131348/in/photostream/> (acesso em 27/08/2023)

É este o papel da Cartografia de Mestres e de Saberes Populares Tradicionais³⁹. Ela está a serviço disso. Temos que mostrar que existe uma quantidade de mestres das epistemes alternativas, das epistemes excluídas, sufocadas, censuradas, desqualificadas. O fato de que são muitos mestres e mestras reconhecidos como tais já

gera um primeiro processo de qualificação.

O que acaba com a relação entre analfabetismo e ignorância. Os mestres são uma arma poderosa contra esse preconceito que é dominante: “só através do letramento alguém alcança o saber”. Que nada! Há muitos mestres que sabem muito mais do que nós e não são letrados!

Em outro tema levantado no Seminário, o sr. fala da necessidade de dialogar com a Teologia da Libertação, com a Pedagogia do Oprimido, o IAP, de Orlando Fals Borda e com a Universidade dos Movimentos Sociais, que também são experimentos de trabalho com essas outras epistemes...

³⁸ [Mestre Biu Alexandre](#) esteve no quadro de mestres da disciplina “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais” oferecido pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília nos anos 2010, 2011, 2013. Mestre Biu Alexandre (CARVALHO, Encontro de Saberes: Bases para um diálogo interepistêmico, Brasília 2015). No vídeo Oficinas Culturais de Pernambuco, pode-se ver uma aula de Mestre Biu em uma aula de Cavalo Marinho (disponível em <https://youtu.be/7e7J07IGAb8>, acessado em 07/04/2023)

³⁹ “A Cartografia visa funcionar como uma ferramenta multidimensional para a valorização e difusão dos mestres e dos conhecimentos dos povos tradicionais e também subsidiar as políticas públicas para a área. Trata-se de uma tarefa extremamente complexa, tendo em vista as dimensões territoriais e populacionais do país e a diversidade de saberes e expressões culturais aqui existentes. Por isso, configura-se como um projeto de longo prazo, que deve envolver várias instâncias em cooperação, na academia, nas instituições públicas e na rede das culturas populares”. (CARVALHO, 2015, p.4).

Eu não sei se são experimentos com outras epistemes, mas experimentos da mesma luta pela valorização das comunidades que foram excluídas, massacradas, oprimidas pelo poder hegemônico, no processo colonial e republicano.

No caso da Pedagogia do Oprimido, por exemplo, é como se o Encontro de Saberes fosse uma espécie de seu complementar simétrico. É quase uma inversão da lógica de Paulo Freire em que o analfabeto precisa ser alfabetizado. Todo momento ele fala do “educando” e está preocupado em como letrar o iletrado, entendendo que o educando não é uma tábula rasa. As primeiras palavras que aprenderá virão da compreensão do seu universo de origem, do conhecimento que ele traz. Paulo Freire está preocupado com os elementos do “letrar”, enquanto nós estamos dizendo que o iletrado, ou analfabeto, tem um saber para nos ensinar. Está fora de questão alfabetizar o Mestre Zé Jerome ou Mestre Biu. Para ser mestre eles não precisam ser alfabetizados. A Pedagogia do Oprimido aponta na mesma direção, mas nós avançamos na direção de que entre os iletrados, os analfabetos, existem mestres que são equivalentes aos professores doutores.

A relação com a Teologia da Libertação é semelhante. O exemplo que sempre cito é o do Ernesto Cardenal, o poeta da Nicarágua que foi ministro de cultura, um homem maravilhoso. Ele tem um livro muito bonito chamado *Evangelho em Solentiname*, o nome de uma ilha na Nicarágua, em que se fazia a cada domingo a leitura da bíblia e as pessoas eram convidadas a interpretar os textos. As 600 páginas do livro são o resultado da gravação dessa hermenêutica popular da bíblia. O paralelo com o Encontro de Saberes acontece, na medida em que se dá voz e se reconhece a equivalência entre a teologia escrita e a teologia oral, ao lado da descrição e do reconhecimento dos personagens que mais se manifestavam a cada domingo. Na *Investigación Acción Participación-IAP*, proposta por Orlando Fals Borda⁴⁰, todo o processo de pesquisa é compartilhado e se dá a partir do diálogo. A experiência do Encontro de Saberes no Centro de Saberes e Trocas Tecnológicas

⁴⁰“Una de las características propias de este método, que lo diferencia de todos los demás, es la forma colectiva en que se produce el conocimiento, y la colectivización de ese conocimiento.” (Fals y Brandao: 1987, 18 apud CALDERÓN & CARDONA - “Orlando Fals Borda y la investigación acción participativa: aportes em el proceso de formación para la transformación” in: I Encuentro hacia una Pedagogía Emancipatoria em Nuestra América. Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini. Buenos Aires, AR – acessado em <http://www.javeriana.edu.co/blogs/boviedo/files/pedagogoc3adas-eman-lc3b3pez-cardona-y-calderc3b3n.pdf> acessado em 06/04/2016)

nas Comunidades Ywalapiti do Alto Xingu⁴¹ se aproxima muito desse princípio de compartilhamento de conhecimento do IAP. Já a relação com a Universidade dos Movimentos Populares é mais distante. O que Boaventura de Sousa Santos está chamando de Universidade dos Movimentos Populares, não é exatamente uma universidade, mas um termo metafórico. Na verdade é um trabalho de oficinas e encontros de preparação de quadros dos Movimentos Sociais, em geral em fins de semana, para uma intervenção na realidade. Muitos dos Mestres vêm das comunidades e estão, também, na luta dos Movimentos Sociais. É o caso do Mestre



Nego Bispo⁴² que participa da CONAQ – Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas. Os líderes dos Movimentos Sociais, muitas vezes estão próximos dos mestres sem o serem, mas os mestres não são, necessariamente, lideranças dos Movimentos Sociais. Na Universidade dos Movimentos

⁴¹ ⁴¹Kupati Inukusha, o Centro de Saberes e Trocas Tecnológicas nas Comunidades Ywalapiti do Alto Xingu, foi criado a partir da parceria articulada pela nação indígena Ywalapiti com o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e o INCT de Inclusão Também participam da iniciativa a Universidade de Brasília (UnB) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). <https://redecidadedigital.com.br/noticias/mctic-inaugura-centro-de-saberes-e-trocas-tecnologicas-de-comunidade-indigena-no-alto-xingu/6833>. Acesso em: 29/03/2023

⁴² Antônio Bispo, ou Nego Bispo, como costuma ser chamado, é um intelectual formado a partir das suas vivências cotidianas no contexto quilombola. Nascido num lugar chamado Francinópolis no Piauí, Bispo estudou até a 8ª série. Tem o Ensino Fundamental do ponto de vista da institucionalidade e integrou o corpo de mestres na Disciplina "Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais" oferecido pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília em 2012. Os saberes quilombolas foram enquadrados no componente curricular de filosofia. "Colonização e quilombos: modos e significados" é um dos livros de Antônio Bispo publicado em 2015 sob coordenação do professor José Jorge de Carvalho. No canal de Youtube do INCTI é possível assistir uma das primeiras participações do Mestre Nego Bispo como professor parceiro de José Jorge de Carvalho (disponível em https://youtu.be/twpSYJO_Qtl?list=PL04336F67AC5C4E6A, acessado em 07/04/23)

Foto: Mestre Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo. Foto: Guilherme Fagundes. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/13/nego-bispo-pensador-quilombola-piauiense-lanca-livro-na-ufrn/> (acessado em 27/08/2023).

Populares a preocupação é preparar quadros dos Movimentos Sociais (de preferência letrados ou com maior letramento) para o diálogo com o Estado. São apresentadas ferramentas jurídicas, de vários tipos, os procedimentos burocráticos para entrar em negociação com o Estado, no sentido de uma cidadania, uma democracia radical e de um pluralismo jurídico. A diferença é que o Encontro de Saberes aponta para a importância das Mestras e Mestres desses saberes excluídos como forma de efetivar a entrada desses saberes na universidade, na primeira pessoa.

Há muito o que aprimorar nesse processo do Encontro de Saberes. Trazemos os mestres e seus saberes, mas ainda não damos conta de entender completamente os processos de transmissão daqueles saberes excluídos. Esse é um mundo vasto demais. Há pedagogias próprias.

Mestra Lucely, por exemplo, aprendeu com a avó a encontrar plantas de cura. Como é esse processo de transmissão? Olhar, perceber, sentir, ver a vibração da planta... a Universidade ainda não está preparada para esse terceiro ponto do Encontro de Saberes que já enunciei: trata-se do campo psíquico, do psicológico e, também, do intuitivo.

Como no *I shin den shin*⁴³: “minha mente sabe o que a sua mente está pensando e meu coração sente o que o seu coração está sentindo”, os Mestres desenvolvem isso no processo de transmissão, no aprendizado tanto nas suas relações humanas quanto com as sua relação com os outros seres que habitam o cosmos: plantas, animais, fenômenos da natureza. Daí essa minha conceituação do Encontro de Saberes como um movimento no universo das epistemologias do cosmos vivo.

Rompemos com isso até por causa do modelo newtoniano e galileano que não precisa do coração com o coração, ficando apenas a mente, através da escrita, da exegese da escrita. Muitos dos saberes que estamos lidando e nos aproximando, no encontro com os Mestres, vêm completamente do *I shin den shin*. São relações espiritualizadas por causa disso.

⁴³ Ditado japonês de tradição zen-budista.

O tema da espiritualidade e sua total exclusão da Universidade foi também um dos temas destacados como necessário, nesse debate. Como propor seu reconhecimento?

Para mim, a questão espiritual é uma consequência inevitável da iniciativa proposta pelo Encontro de Saberes. Nas reformas napoleônica e humboldtiana da universidade iluminista europeia, vários saberes chamados esotéricos ficaram de fora. Muitas das universidades alemãs, até meados de 1700 reconheciam os saberes dos Maçons, Rosa Cruze de demais tradições que eram também estudadas. Com a consolidação da revolução científica todo esse conhecimento saiu da universidade: as Matemáticas Qualitativas, as Geometrias Qualitativas e Simbólicas perderam seu lugar. Ficaram apenas as fórmulas da Geometria Euclidiana e Newtoniana, que cresceram maravilhosamente e deram resultados fantásticos, que são celebrados até hoje.

A espiritualidade foi deixada de fora não porque ela fosse dogmática. Diante daquele panorama, decidiu-se tirar a religião, os místicos cristãos ficaram de fora. Napoleão acabou com todas as ordens monásticas devotadas à meditação e à contemplação. Thomas Merton⁴⁴, por exemplo, um dos grandes místicos do século XX, cuja obra se pautou também pela teoria crítica, anti-imperialista e antirracista é um herdeiro dos monges beneditinos que vieram da França para o Kentucky, nos Estados Unidos em meados do século XIX. Simultaneamente, toda espiritualidade, esse arcabouço que sustentava a civilização ocidental, também foi perseguido. Sistemas de conhecimento, de autoconhecimento, trabalhos com a expansão da consciência, todos ficaram de fora. Foi o caso do sistema meditativo da Igreja Ortodoxa, a chamada Oração do Coração, a Hesíquia, a Oração Contemplativa, a Shamata do budismo tibetano, todos os sistemas de Yoga, o Zen, o sistema de meditação daoísta, as tradições xamânicas, os vários sistemas de transe das religiões de matriz africana. Nada disso tem a ver com o dogma, pois não podem ser

⁴⁴ Thomas Merton (1915–1968) foi um escritor católico do século XX de nacionalidade francesa. Monge trapista da Abadia de Gethsemani, Kentucky. Poeta, ativista social, dedicou-se ao estudo de religiões comparadas, tendo escrito mais de setenta livros, em que a espiritualidade foi um tema constante.

impostos de fora para dentro, visto que são trabalhos de vida interior e como tais gozam de autonomia face às ideologias sectárias, fundamentalistas ou autoritárias.

A riqueza do conhecimento da vida interior se empobreceu na universidade que foi simplificada pelos egos hiper desejanter, consumistas, que querem cada vez mais coisas, reforçando o nível primário da identificação egoica do indivíduo com a realidade. Uma parte da Psicologia ainda trabalhará com outros níveis do ego, mas a universidade como um todo perdeu o horizonte da espiritualidade, que seria o trabalho da liberdade interior, o que leva, muitas vezes, aos bloqueios emocionais e às perversidades consequentes. Dessa forma, a universidade não cumpre a sua promessa de sabedoria, porque a sabedoria passaria necessariamente pela ativação simultânea do olhar interno e do externo.

O Encontro de Saberes tem uma epistemologia análoga ao que se poderia chamar de Epistemologia da Espiritualidade. Um modelo que talvez tenha algum paralelo com o cânon de Confúcio, dos quatro livros do confucionismo: o Lun Yün ou os Analectos de Confúcio, o livro de Mêncio, o Zhong Yong - A Doutrina do Meio (que é um texto precioso) e o *Da Xue* - O Grande Ensino. Segundo essa epistemologia, expressa no início do *Da Xue*, o imperador, quando organiza o Estado, precisa organizar as regiões, quando organiza as regiões, tem que organizar as comunidades, quando organiza as comunidades, precisa organizar a família que para se harmonizar, depende da harmonização de si mesmo, do controle das emoções, da ida ao núcleo para, então, percorrer o caminho de volta e, finalmente, ajustar o Império. Todos os seres humanos, do imperador ao camponês mais comum, têm que fazer esse ajuste. O que significa que quando olhamos para fora, estamos olhando para dentro, simultaneamente. É esse o lugar da vida interior no conhecimento! Não se trata, apenas, da vida interior! As tradições contemplativas mantiveram vivas as técnicas e os métodos de se olhar para dentro para que todos pudessem se beneficiar disso num certo momento. Para que essas tradições se mantenham vivas, no entanto, é preciso dedicação completa. Daí os monges, os mestres espirituais praticarem o tempo todo e, então, irradiarem aos interessados e discípulos.

Imagino que a situação da Mestra Lucely seja essa. Quando vê uma planta, olha objetivamente para fora, mapeia a sua morfologia e, ao mesmo tempo, olha

para dentro, percebendo o reflexo da planta em si mesma. A capacidade de encontrar uma planta que cura é, então, a capacidade de olhar para dentro e para fora. O congado do Mestre José Jerome é também um olhar para dentro, senão não se consegue cantar, dançar e bater aqueles bastões simultaneamente. Ficamos num estado de meditação ativa parecido com as danças sagradas dos sufis da Ásia Central promovidas por Gurdjieff⁴⁵. São danças que retificam a razão e as emoções. Mestre Bú faz o mesmo com os arcos que criam diferentes figuras vistas de cima, como num caleidoscópio. São infinitas figuras com os arcos dobrados ou cruzados, com simetrias e inversões e as pessoas fazem aquilo dançando, o que é uma maneira de organizar, também, essa simetria interna. Dessa forma, a simetria projetada para fora é uma retificação de uma simetria interna.

É um trabalho espiritual, não é um trabalho só estético. Você sai centrado da



Mestre Silvio da Siqueira, Seu Badu. Foto: Divulgação. Fonte: <https://www.saberestradicionais.org/retrato-do-mestre-silvio-da-siqueira-seu-badu/> (acessado em 27/08/2023).

experiência do Cavalo Marinho ou do Congado que são, ao mesmo tempo, um conhecimento objetivo do canto, da dança, do movimento e um conhecimento subjetivo. Os Mestres estão todos nessa linha, não vejo um que não esteja - daquele que faz artesanato, ao que faz arquitetura ou agroecologia. O que é a terra para o Mestre Badu⁴⁶, que nos ensina a energizá-la?

Mestre Bispo, por exemplo, contava de Antônio Máximo que planta nos lugares mais

⁴⁵Nascido na Armênia, Georges Ivanovitch Gurdjieff (1872-1949) desenvolveu um sistema que “permite ao ser humano desenvolver suas capacidades latentes – físicas, mentais e emocionais – de forma integrada” e no qual o movimento é peça importante. (Instituto Gurdjieff SP - <https://gurdjieffsp.org.br/> - acessado em 27/04/2023).

⁴⁶ “O mestre Seu Badu nasceu em 1932 e vive no Quilombo do Mato do Tição, Jaboticatubas, MG. Ele é mestre candombeiro (uma manifestação de matriz afro-brasileira: candombe de Nossa Senhora do Rosário), mestre em encomendação das almas, folia de reis e, destacadamente, mestre terapeuta no cultivo da agricultura livre de agrotóxicos, e na promoção da saúde com recursos tradicionais.” (<https://www.saberestradicionais.org/retrato-do-mestre-silvio-da-siqueira-seu-badu/> - acessado em 27/04/2023). No canal de youtube Saberes Tradicionais UFMG, o vídeo Retrato do Mestre Seu Badu - Silvio da Siqueira, registra uma aula do mestre para o Encontro de Saberes da UFMG: <https://youtu.be/76ZS9ugqwjA> - acessado em 27/04/2023).

impressionantes e está colhendo cacau no semi-árido! Ele tem um conhecimento objetivo sobre o solo e as plantas, mas tem também conhecimento subjetivo ali.

A espiritualidade perpassa a proposta dessas epistememes que o Encontro de Saberes traz porque essas pessoas aprenderam em um sistema de transmissão que não a censurou, ao contrário, estava integrado a ela. Tivemos que aprender, na escola, a deixar a espiritualidade para fora. Então ganhamos com a presença de pessoas que não a excluem e que não censuraram sua espiritualidade plena em cada coisa que realizam.

Os alunos têm a oportunidade de perceber o fascínio e a amorosidade dos mestres que são, também, elementos da espiritualidade. O que não quer dizer que eles sejam todos santos ou seres perfeitos. Nada disso. Vivem conflitos, mas normalmente têm uma forma mais centrada de lidar com as dificuldades. Muitas vezes silenciam sobre seus problemas e esperam o momento oportuno para saná-los.

Quando Mestre Zé Jerome mostrou que está com os dedos já entevados, porque não tinha médico, ao longo de sua longa vida, por exemplo, não falou num tom de queixa, mas num tom direto, natural, espontâneo: “Isto é como eu estou agora”. “Essa é a minha situação”. “Eu sou isso”.

Nina Laranjeira⁴⁷ falou algo muito bonito sobre os mestres que está relacionado a essa questão e explica por que os estudantes ficam tão fascinados pelos mestres. É que os mestres são o que eles são. Eu não posso ser outra coisa que não o que eu sou. Não é o que todos deveríamos ser? A universidade te coloca um ego-ideal completamente fantasioso, uma fantasia de perfeição que as pessoas não alcançam. Isso leva a um sofrimento interno que, no limite, faz com que sejamos perversos uns com os outros. Há competições loucas, sem nenhuma base. A falta interna ficou grande demais e não há nenhuma resignação em relação à essa condição de incompletude, de imperfeição ou de ignorância. Os mestres sabem que são ignorantes em muitas coisas, eles não têm uma fantasia de onisciência que é o que a academia estimula.

Este é o primeiro passo da espiritualidade: você começar a se enxergar, a

⁴⁷Nina Paula Ferreira Laranjeira é Pesquisadora do NASPA (Núcleo de Alimentação Sustentável e Produção Agroecológica) e foi uma das professoras parceiras do Encontro de Saberes da UnB.

auto-observação sobre as expressões do ego que pode acontecer de vários modos - pela oração, meditação). Os sintomas vão aparecendo quando fica difícil meditar, orar ou qualquer outra prática de introspecção. “Por que é que não estou conseguindo? O que me trava?” Você começa a se olhar e percebe que este bloqueio está relacionado com as fantasias do ego. Começa então a questioná-lo. Vai precisar enquadrá-lo. Na oração, na meditação, na prática o ego diminui, porque tem que dar lugar a uma integração maior e, então, outros planos vão surgindo.

Em grande medida, o Encontro de Saberes nos espiritualiza. Um de seus efeitos é este. Estamos trazendo pessoas espiritualizadas a um espaço em que há uma minoria de professores espiritualizados. Muitos negam suas práticas porque não são bem-vistas, assim como a amorosidade não é bem-vista no ambiente universitário.

A amorosidade é uma consequência desse processo de que estamos falando. Ela cresce quando agimos com naturalidade entre nós. Quando estamos mais perto da verdade de quem somos, é mais fácil amar. Ao contrário, quando criamos uma fantasia alta demais de quem somos ou do quanto sabemos, a competição é o nosso idioma. Você fica mais armado, sempre pronto para um duelo com quem acaba de chegar. É um universo de disputa que torna difícil a amorosidade. O que tem consequências na estrutura do saber, na estrutura da transmissão como nos fala, entre outros, Paulo Freire. A Pedagogia, na verdade, depende do amor. O ato de ensinar é um ato amoroso. Paulo Freire insistia demais nisso: “Eu sou um educador porque eu amo!” é uma frase dele.

Como se vê, a questão da espiritualidade tem diferentes implicações. De um lado, ela expõe a perda cognitiva e epistêmica que sucedeu no processo histórico do iluminismo quando os vários conhecimentos e tradições de exploração dos níveis de consciência ficaram de fora das universidades. Como consequência disso, perdemos a oportunidade de explorá-los, porque já não há quem os ensine, porque não os deixaram ensinar nos últimos três séculos, depois que foram retirados da episteme hegemônica. Além disso, há, como falamos, a consciência dos mestres sobre o seu próprio valor, seu exemplo de um mundo além da competição.

Os mestres ocupam o lugar do “sujeito suposto saber” que é análogo ao lugar do analista proposto por Lacan e que é também o lugar do professor, para além do

estudo e da inquirição científica objetiva. Para Lacan, o analista é como um mestre antigo - Sócrates, Epicuro, Demócrito, Marco Aurélio, ou como os mestres da filosofia alexandrina, neoplatônica. Mestres que aplacaram as paixões, atravessaram as volições da alma e chegaram a um estado de sabedoria análogo ao do *Da Xue*, um estado de equilíbrio. O que é muito diferente da imagem que se tem e se espera de um docente na universidade. A ausência da espiritualidade tem consequências.

O Encontro de Saberes está pensado aqui, no Brasil, nessa circunstância e foi uma demanda dos mestres das culturas populares. Entendo que ele faz sentido na América Latina e na África, onde as universidades são pressionadas para serem eurocêntricas e negar os saberes tradicionais. O mundo asiático também sofre uma pressão gigantesca, porque as universidades chamadas "de ponta" no mundo, são as ocidentais. Dá impressão de que os saberes tradicionais não vão jogar papel nenhum e, provavelmente, onde são mais vivos a pressão é maior. Penso que é nesses contextos que o Encontro de Saberes faz sentido. Países como Estados Unidos, França ou Inglaterra não têm como entender a validade disso, pois esses mestres e suas epistemes foram, ali, desqualificadas há 200 ou 300 anos.

A Física, a Matemática, a Química, depois, a Biologia e as Engenharias reproduziram padrões disciplinares pelo mundo inteiro. Não há dúvida de que um país não ocidental precisa se apropriar dessa lógica e desses conhecimentos. Nesse sentido, é uma iniciativa semelhante à Universidade dos Movimentos Populares de que falamos. Precisamos de pontas de lança, pessoas preparadas para a luta contra o Estado e o capitalismo global. Só que eles não podem ficar sem a base dos seus mestres, sob o risco de se desespiritualizarem e de tornarem a luta uma réplica da luta ocidental alienada e desumanizada. São os mestres que vão humanizar esses movimentos sociais que não podem correr o risco de perder suas matrizes civilizatórias, assim como os mestres sufis trazem a matriz civilizatória do mundo islâmico, os mestres zen, os yogues, os budistas, os daoístas.

Com que mundo interno vamos construir uma sociedade nova? Essa é a pergunta! Se estamos falando numa revolução, no "homem novo" temos que espiritualizar a classe camponesa e a classe operária. Esta última foi certamente a mais golpeada pela desespiritualização do mundo ocidental submetida a perda de suas tradições e a um regime maquínico de trabalho como descreve Marx.

A Ciência das Religiões talvez seja um lugar possível de retomada da espiritualidade, na universidade, na medida em que, diferente da Teologia de tradição cristã, ela consiste num estudo acadêmico e comparativo dos textos sagrados das diferentes religiões. Que interessante será o encontro dessas Ciências, também européias, com os mestres vivos das religiões tradicionais - do Candomblé, da Umbanda, do Espiritismo, do Xamanismo - como parte do currículo. Nas outras disciplinas, como na Medicina ou na Psicologia, o Encontro de Saberes traz os planos sutis e o olhar integrado. Há muitos mestres que curam. É possível propor o diálogo com terapias que não passam pela escrita, como as bênçãos.

A questão da colonialidade epistêmica é generalizada, mas existem algumas áreas que mostram o sintoma, no sentido psicanalítico, de forma mais nítida, como na Filosofia e nas Artes. Na primeira, os alunos aprendem que não podem filosofar. Quem é você para pensar qualquer coisa diante de Kant? Platão ou Aristóteles já pensaram tudo o que você poderá algum dia, ousar pensar. O que você pode fazer é ensiná-los, ficar eternamente repetindo o que eles diziam disso e daquilo. Como diz Murilo Seabra⁴⁸: todas as teses têm o mesmo formato: o conceito de X em Y. O conceito de Deus em Santo Agostinho; o conceito de Ser em Heidegger.

Nas Artes, o sintoma aparece quando toda a nossa riqueza musical é paralisada para que possamos aprender a música erudita ocidental! É um desencaixe completo. Como podemos competir com a Filarmônica de Berlim? Se não temos recurso, estabilidade, público.... Deixamos de fora a rica qualidade artística e musical de inúmeros alunos, porque eles têm que se enquadrar numa musicalidade na qual são quase sempre perdedores e por isso serão sempre subalternos – salvo exceções, jogarão sempre em um segundo time.

É muita contenção da forma, de estilo, de linguagem quando entramos em uma escola de música e não vemos nenhum percussionista de gêneros afro-brasileiros. Não é possível! Parece que não existe toda a diversidade de percussão que há no país e que somos como a Bélgica, um país que não tem tradição própria

⁴⁸ Murilo Rocha Seabra tem graduação e mestrado em Filosofia pela UnB e é doutor pela La Trobe University (2018). Em seu livro *Oftalmopolítica* questiona por que não existe ou não conseguimos enxergar uma filosofia autoral no Brasil. Vide TEIXEIRA, João de Fernandes - O olhar distorcido: a filosofia brasileira segundo Murilo Seabra em <https://www.anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/olhar-distorcido-a-filosofia-brasileira-segundo-murilo-seabra> (acessado em 30/04/2023).

de percussão. O mesmo acontece com os instrumentos de corda. Temos várias violas, banjos e nada! Só o violão de estilo europeu é ensinado, é impressionante. Nossas escolas de música não refletem a riqueza musical do país.

As disciplinas das Artes, por exemplo, têm que ser repensadas completamente, porque elas negam técnicas, estilos, formas e tradições estéticas não-ocidentais desenvolvidas pelos nossos povos tradicionais. O que dizer da arte plumária? Na universidade você não estuda plumária ou as técnicas do trançado, muitas delas maravilhosas. Todas as artes tradicionais riquíssimas não se encaixam nos cursos nem nas disciplinas estabelecidas dos cursos de Arte porque o modelo de Arte é ainda influenciado fortemente pelas bienais alemãs, italianas, francesas, o MOMA, Nova Iorque, Bilbao, etc. Então, você tem um curso de Artes no Rio de Janeiro que não tem Arte Indígena, nem tem Arte Africana e é criado com verbas públicas. Imagine ensinar, no Brasil inteiro, a maravilha do Cavalo Marinho ou do Congado e sua dança dos bastões?

O trabalho artístico e pedagógico dos mestres é sempre surpreendente. É de fato um trabalho transartístico ou transestético. Transartístico porque são várias formas de arte que os mestres ensinam simultaneamente; e é transestético, porque cada uma das formas pode contar com uma estética própria. A estética musical é uma que não é a mesma da estética da dança, por exemplo e tanto o Cavalo Marinho como o Congado são exemplos disso. Isso enquanto a universidade ainda é um lugar monoartístico e monoestético.

Os mestres trazem saberes integrados, não apenas especializados ou confinados à solução de algo prático, específico, mas voltados à humanização, à vida como um todo, ao chamado bem-viver.

Que projeto de vida está sendo apresentado para os estudantes que chegam na Universidade? A Universidade é como um laboratório para a sociedade. Quem estudou num container, depois vai para uma empresa e fica numa "baia" e está tudo bem, não é? O universo está reduzido mesmo: coloca um ursinho de pelúcia em cima do computador e pronto. Um mundo completamente restringido e, termos de corpo, espaço, expressão oral, expressão corporal, relações, troca de afeto, tudo vai empobrecendo ao passar do tempo.

Os mestres mateiros da Agroecologia, como o Mestre Bispo, o Mestre Badu

ou Mestra Tiana, ensinam que tudo está vivo e que você tem que preservar a ordem da vida. Em tudo a vida está sendo preservada, a terra e a água são valores e não mercadorias. São Mestres da Terra e da Água como o Mestre Nego Bispo, quando fala que o melhor lugar para guardar um peixe é o rio. Ou como o Mestre Geraldo que guarda feijões para fertilizar o solo.

John Blacking usava aquele provérbio zulu sobre a filosofia do Ubuntu: “*umuntu ngumuntu ngabantu*”- que quer dizer: “o ser humano é humano, por causa dos outros seres humanos”. Em quase toda aula repetia o provérbio, sempre na língua venda: “*Muthu ndi muthu nga vhanwe*”. A repetição era, em si mesma, uma prática política e espiritual. Como admitir uma ciência e um modo de viver anti-vida se eu me lembro que somente sou por causa de todos os outros seres humanos?